

CIANCHETTA, Alessandra; MOLteni, Enrico.
Álvaro Siza – casas 1954-2004. Barcelona: Gustavo Gili, 2005. 232p.

ESPECULAÇÕES A PARTIR DE UMA MONOGRAFIA
 SOBRE AS CASAS DE ÁLVARO SIZA

Roberto Eustaáquio dos Santos*



O livro **Álvaro Siza: casas 1954-2004**, publicado pela Editora Gustavo Gili em 2005, apresenta um estudo inédito sobre as 34 residências projetadas pelo arquiteto português de maior expressão na atualidade. Trata-se de uma tradução¹ do trabalho de dois jovens arquitetos italianos – Alessandra Cianchetta e Enrico Molteni –, realizado com o auxílio de uma bolsa de estudos do Instituto Politécnico de Milão, de que ambos são egressos.

Os autores definem seu próprio trabalho como um “diário de viagem” e também como um “catálogo” dessa porção pouco estudada da obra de Siza, prometendo uma abordagem focada na “casa como objeto de investigação”. O livro é composto de três partes. Na primeira estão descritos os fundamentos do trabalho: dois textos, uma entrevista exclusiva concedida por Siza aos autores, mais três instrumentos ditos analíticos.² Tais instrumentos, no entanto, não passam de sínteses gráficas de aspectos tradicionalmente abordados em análises de edifícios, isto é, distribuição geográfica e cronológica, princípios ordenadores, implantação, escala, orientação solar, tipologia, morfologia.

Na segunda parte, a mais extensa, estão as descrições de todas as residências de Siza. Encontra-se aí um farto e diversificado material, colhido durante a pesquisa de campo: croquis de concepção, plantas, cortes e fachadas, desenhos técnicos de detalhamento construtivo, memoriais descritivos e reflexões sobre os projetos, fotos de levantamento. Há também fragmentos de textos de outros autores sobre uma ou outra casa. No entanto, o mérito do trabalho está mais em colecionar e organizar esse material do que propriamente em analisar as casas de Siza. O que se apresenta é mais um mapeamento do que um estudo aprofundado de sua produção residencial. Isso faz com que a promessa inicial dos autores seja cumprida apenas parcialmente.

* Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas. Arquiteto pela EAU-FMG. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo NPGAU – EAUFMG. Doutorando do Programa de Pós-Graduação “Conhecimento e Inclusão” da FaE – UFMG.

¹ **Álvaro Siza: case unifamiliari 1954-2004** foi publicado pela Skira Editore de Milão, em 2004. A tradução para o espanhol foi feita por Carmen Amaral e Moises Puente.

² Os instrumentos são denominados: “Repertório das casas”, “Repertório gráfico” e “Quadro comparativo por temas e princípios”.

Pior que não construir uma crítica consistente da obra de Siza, os autores tendem a incorrer em certa fetichização da casa como objeto arquitetônico. Tal fato, entretanto, é compensado pela lucidez de Siza, cujos argumentos não cedem espaço ao misticismo do “simbólico” e do “fenomenológico”, tão comum entre os arquitetos. As respostas de Siza, na entrevista exclusiva aos autores, evidenciam sua posição diante dessa parcela de seus projetos. Siza não é nada fantasioso ou romântico em relação à casa e ao morar. Para ele, a casa é um recurso contra a agressividade da natureza, um objeto que demanda o eterno especializar-se dos proprietários no reconhecimento das necessidades de suas casas e em providenciar-lhes os reparos.

A terceira parte traz um ensaio fotográfico assinado por Roberto Collovà, intitulado “11 casas, fotografias”. Essa espécie de suplemento fotográfico contradiz o caráter de estudo sistemático e faz o livro se aproximar do formato tradicional das monografias sobre arquitetos, em que quase sempre as imagens são melhores que os textos. Sem incorreções nem inovações, o ensaio destoa fortemente das duas primeiras partes do livro, cujo projeto gráfico deixa evidente a intenção dos autores de equiparar fotos, desenhos e textos. O resultado é uma publicação um tanto indefinida: por um lado, cumpre minimamente aquilo que se espera de um trabalho acadêmico, organizando material disperso e deixando pistas claras para futuros pesquisadores. Por outro lado, esforça-se por garantir um projeto gráfico vistoso o suficiente para atrair qualquer interessado em arquitetura. Essa, aliás, poderia ser a explicação para a inclusão do ensaio fotográfico.

Como se sabe, Siza faz parte do seleto grupo das celebridades da arquitetura, composto por ganhadores de concursos internacionais e por aqueles que têm suas obras publicadas nas revistas especializadas e investigadas em monografias, como esta que se comenta. Por causa dessa freqüência na mídia especializada, esse é o grupo que acaba por definir o padrão de atuação profissional almejado pela maioria dos arquitetos, e sua obra acaba por funcionar como uma indicação de tendência daquilo que antes do movimento moderno em arquitetura se chamava “estilo”. Esse grupo de eminentes é também responsável por cunhar uma imagem pública dos arquitetos como produtores de objetos para aqueles que têm dinheiro e vêem sentido em empregá-lo em obras de arquitetura, que nesse contexto funcionam principalmente como bens simbólicos, signos de poder e permanência.

Também a geografia das casas de Siza demonstra o alcance da inserção do arquiteto português no mercado internacional de arquitetura, coisa nada incomum no grupo dos eminentes. De início contingencialmente restritas à região da cidade do Porto, a partir dos anos 1980 suas casas são construídas em outras cidades de Portugal e depois, do final da década de 1980 em diante, também na Espanha, Itália e Bélgica.

A essa mudança da clientela de Siza associam-se alterações importantes no modo de projetar e construir as casas. Quanto mais recentes os projetos, menor parece ser o poder de interferência de oficiais construtores nas deci-

sões de obra e na configuração final dos espaços. Uma leitura atenciosa das notas descritivas dos apontamentos de viagem revela uma perda de cumplicidade entre arquiteto e oficiais construtores: “Ao desaparecer uma prática artesanal, feita também de dúvidas, retificações e invenções, muda radicalmente a forma de fazer arquitetura”.³ Os detalhes construtivos parecem não mais resultar de um amadurecimento da técnica ao longo do tempo. Parecem cada vez mais regidos pela lógica do sistema produtivo do que pela lógica dos materiais.

O maior mérito do trabalho de Alessandra Cianchetta e Enrico Molteni é que, ao conferirem o estatuto de “diário de viagem” ao seu livro, acabam por atualizar a tradição do *grand tour*, invenção dos arquitetos franceses do século XVIII, que, dentre outras coisas, deu origem à palavra “turismo”. As viagens a sítios e edifícios antigos faziam parte da educação dos arquitetos. Os estudantes da *Beaux-Arts*, para completar sua formação, deviam conhecer lugares e edifícios considerados modelares. Eles sabiam muito bem que nada substitui a experiência corpórea com texturas, cheiros, temperatura, mudanças na luz, enfim, com a construção propriamente dita e seus detalhes.

Endereço para correspondência:
Av. Dom José Gaspar 500 – Coração Eucarístico
30535-510 – Belo Horizonte – MG
e-mail: ro@pucminas.br

³ No original: “Al desaparecer una práctica artesanal hecha también de dudas, rectificaciones e invenciones, cambia radicalmente la manera de hacer arquitectura” (CIANCHETTA; MOLTENI, 2005, p. 155).